

Luiz Vaz de Camões e Os LUSÍADAS

ANTONIO BASÍLIO RODRIGUES
Prof. de Literatura Portuguesa na UERJ

Os dados biográficos de Camões, por falta de documentação precisa, têm sofrido as mais diversas versões, desde seus primeiros tratadistas. O relato da vida do Poeta permanece à mercê das mais descabidas fantasias, dos caprichos pessoais e das conjeturas mais extravagantes.

Antecedentes

Consta que o Poeta descende de uma família da Galiza, com solar em Camones (atualmente Camos). Por volta de 1370, depois de se ter envolvido em questões políticas, Vasco Pires de Camões, fidalgo galego, fixou-se em Portugal, no tempo em que reinava D. Fernando. A descrição genealógica evolui cercada de dúvidas, surgindo, todavia, João Vaz como bisavô, Antonio (ou Antão) Vaz como avô e Simão Vaz de Camões como pai do Poeta. No que se refere à mãe de Luíz Vaz, teria ela o nome de Ana de Macedo, ou Ana de Sá, ou ainda Ana de Sá de Macedo. Persistem algumas indagações quanto a serem uma a mãe (Macedo) e outra a madrastra (Sá), se for considerada a hipótese de se tratar de duas individualidades. Depois da morte do Poeta quem passou a receber a tença a ele concedida foi Ana de Sá, referida nos documentos da época como “mãe de Luís de Camões”. Os estudiosos não conseguiram dirimir o impasse.

A filiação



“Camões no seu leito de morte”. Quadro a óleo do pintor brasileiro F. Monteiro (Antônio Firmino Monteiro), datado em Paris, 1 883. Doado pelo Autor ao Real Gabinete Português de Leitura.

- Seus amores e primeiras desditas.*
África, 1547
- Devido à sua índole e às atribulações que certamente advieram de sua vida amorosa, o Poeta afasta-se – voluntária ou compulsoriamente? – da Capital.
- No serviço militar em África, que alguns estudiosos encaram como exílio de causa amorosa, vem a perder um dos olhos durante um combate em Ceuta contra os mouros.
- De novo na Capital*
- De volta a Lisboa, vê-se motivo de zombaria devido à sua deformidade. Afasta-se da esfera cortesã e passa a frequentar maus ambientes. Segundo alguns biógrafos, o Poeta enfrenta uma situação incômoda, o que o faz alistar-se como voluntário para a África em 1550, embora não chegue a embarcar.
- Vida incerta*
- Depois do conflito com Gonçalo Borges, a quem golpeou a 16 de junho, acaba preso, permanecendo no Tronco de Lisboa até ao ano seguinte. A “Carta de Perdão”, datada de 7 de março de 1553, restitui-lhe a liberdade, seguindo, logo depois, para a Índia a serviço do Rei.
- Agressão, 1552*
- Liberdade*
- O Poeta segue a bordo da nau S. Bento, a única da frota que conseguiu chegar ao seu destino, depois de ter enfrentado uma tempestade no Cabo da Boa Esperança. Ao fim de seis meses de viagem verifica-se a chegada a Goa. O povo era rude e pouco hospitaleiro. Provavelmente em novembro parte em expedição para o Malabar e ainda em outras, como a que foi empreendida ao Estreito de Meca, passando pelo Mar Vermelho. Algumas composições poéticas assinalam a passagem do Poeta por esta região, quando ocorrem alguns incidentes.
- Partida para longa ausência, 1553*
- Goa, Malabar,*
- Meca, 1555*
Mar Vermelho
- Goa, 1556*
Macau, 1557
- De novo em Goa, onde é representada a peça “Filodemo”, seguiria posteriormente para Macau, onde se contesta tivesse exercido certo cargo, duvida-se até que houvesse estado nessa província. Defonta-se o Poeta com uma fase repleta de desventuras, combates e naufrágio. Passando por certas necessidades, Camões vê-se de novo em Goa, onde segundo alguns biógrafos teria inclusive cumprido pena. Permanece aqui cerca de seis anos em penúria e privação.
- Mais desditas*
- Goa, 1561*
- Parte finalmente para Moçambique, quando sofre novas desilusões decorrentes de promessas não cumpridas.
- Moçambique, 1567*
- Encontro com o historiador, 1569*
- É nesta província que Diogo do Couto o encontra, conforme sua própria expressão, “tão pobre que comia de amigos, e para se embarcar para o Reino lhe juntamos os amigos toda a roupa que houve mister. . .” Segundo o historiador, *Os Lusíadas* estavam prontos para publicação, referindo-se ainda a outra obra, *Parnaso de Luís de Camões*, de que nunca mais se teve notícia, presumindo-se que se perdera ou fora roubada.

Finalmente em Lisboa, 1570

A 7 de abril de 1570, o navio em que regressava o Poeta aportou em Lisboa; dezassete anos eram decorridos da partida de Camões. Sua única esperança era a publicação de sua obra e as recompensas daí decorrentes. Mas nem tudo ocorreria como esperava. Amargurado pela recusa aos seus primeiros intentos, conseguiu por fim ver publicada sua epopéia, obtendo como prêmio a modesta tença de quinze mil réis por ano, durante três anos, renovada durante sua vida e depois transferida para sua mãe (ou madrastra).

Os Lusíadas, 1572

O que há de verdadeiro e fabuloso

Misto de lenda e verdade, ora estima-se essa quantia como íntima, que não daria condições normais de vida ao Poeta, o que não seria verdade, ora presume-se que a tença não seria paga regularmente, o que é difícil de crer. Os oito anos que se passam até à sua morte, a 10 de junho de 1580, são cobertos de incertezas e muito mais de histórias fantasiosas, que nem sempre devem ser cridas. Atente-se, antes de mais, a lição do Poeta:

Falecimento, 1580

*Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando*

(Canto X, est. 153)

A obra

Afora *Os Lusíadas*, toda a demais obra de Camões é de publicação póstuma, excetuando-se as composições inseridas no livro de Garcia de Orta “Diálogo dos Símplices e Drogas”, publicado em 1563 e na obra “História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil”, 1576, de Pero de Magalhães Gândavo.

Assim, a obra poética publicada posteriormente suscita muitos problemas de cânone devido às incertezas que cercam os manuscritos originais. No afã de reunir indiscriminadamente tudo quanto pertencesse ao Poeta, foram mutiladas composições, incluídas algumas que não seriam suas e esquecidas outras, confundindo, não raro, os estudiosos e fixadores do texto.

Primeira edição de Os Lusíadas

Das duas impressões de *Os Lusíadas* de 1572, uma é considerada a *princeps* e a outra sua contrafação. Numa o pelicano da portada está com a cabeça virada para sua direita e na outra o mesmo pelicano aparece com a cabeça virada para a sua esquerda. O texto embora idêntico apresenta algumas variantes. A mais citada é a que ocorre no sétimo verso da primeira estrofe do Canto I:

“E entre gente remota edificaram” (pelicano c/cabeça p/sua direita)

“Entre gente remota edificaram”.(pelicano c/cabeça p/sua esquerda)

Consideram os estudiosos como edição original a que inicia o verso por “E entre”, denominada edição *Ee*. Observam-se, ao correr do texto, outras pequenas variantes, principalmente de ordem gramatical.

Em 1584 vem a lume mais uma edição de *Os Lusíadas*, a segunda, que ficou célebre pelas mutilações que sofreu por parte da censura inquisitorial, mormente no que se refere aos deuses da mitologia pagã. É a chamada edição “dos piscos”

Primeiras edições da obra camoniana

Os Lusíadas de Luís de Camões. Com privilégio real. Impressos em Lisboa, com licença da Santa Inquisição e do Ordinário. Em casa de António Gonçalves, impressor. 1572.

Primeira Parte dos Autos e Comédias Portuguesas, feitas por Antonio Prestes e por Luís de Camões e por outros autores portugueses cujos nomes vão nos princípios das suas obras. Por André Lobato, impressor de livros. 1587. (Primeira publicação de *Anfitriões* e *Filodemo*).

Rimas de Luís de Camões divididas em cinco partes. Lisboa. Por Manuel de Lira. 1595.

Rimas de Luís de Camões, acrescentadas nesta segunda impressão. Lisboa. Por Pedro Craesbeeck. 1598.

Rimas de Luís de Camões. Primeira Parte. Agora novamente emendadas nesta última impressão e acrescentada uma comédia nunca até agora impressa. Lisboa. Por Paulo Craesbeeck, 1645 (Primeira publicação de *El-Rei Seleuco*).

OS LUSÍADAS

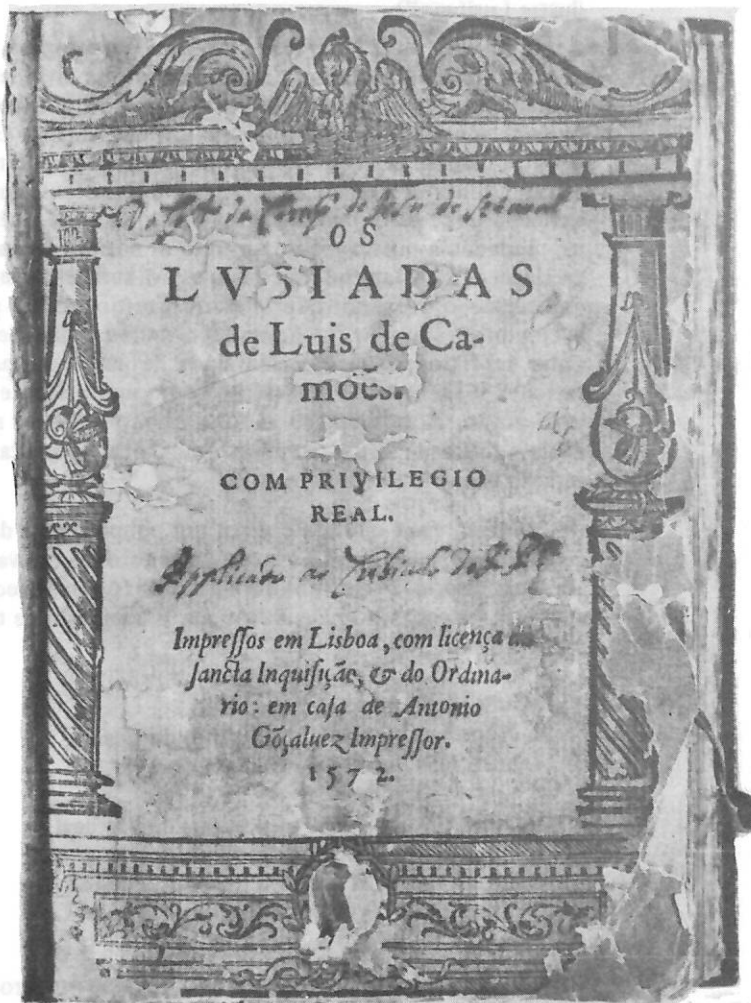
*Este que vês, é Luso, donde a Fama
O nosso Reino Lusitânia chama.*

(Canto VIII, est. 2)

A epopéia máxima da nacionalidade portuguesa e, sem qualquer dúvida, a mais expressiva da idade moderna, auferiu seu título, de acordo com abalizados estudiosos, a partir do poema “*Vincentius Leuita et Martyr*”, de autoria de André de Resende, humanista contemporâneo

de Camões. Segundo o esclarecimento de Resende, “A Luso, unde Lusitania dicta est, Lusíadas adpellauimus Lusitantos, et a Lysa Lysiadas, sicut ab Aenea Aeneadas dixit Virgilius”.

Poema épico — assim como o foram a *Odisséia*, a *Iliada*, a *Eneida*, para citar algumas fontes da antiguidade clássica greco-latina — *Os Lusíadas* têm como assunto preliminar a narrativa da viagem de Vasco da Gama à Índia (8/7/1497-24/5/1498), assumindo importância maior a



Aparição do gigante Adamastor, na passagem do Cabo Tormentório (da Boa Esperança) — Desenho de Fragonard; gravura de Bovinet. Edição Morgado de Mateus — Paris, 1817.

inserida história de Portugal, desde suas origens até à época coeva da viagem. Em tais proporções se acham interligadas, como causa e efeito, que as duas matérias – viagem e história de Portugal – apresentam-se como uma unidade indissolúvel.

Vasco da Gama, herói da epopéia, só pode assim ser compreendido desde que concebido como elo de identificação com a civilização que representa, reunindo em si a condição de ser real (ele próprio) e de ser simbólico (“o peito ilustre Lusitano”).

A par de uma verdade histórica, *Os Lusíadas* integram paralelamente uma simbologia mítica em que as divindades adotam freqüentemente atitudes humanas, enquanto os homens adquirem progressivamente um nivelamento com o mito, consoante suas ações e conquistas, conseguindo assim o “imortal merecimento”. A parte histórica Camões extraiu-a dos relatos dos cronistas e historiadores da época, recriando-a poeticamente segundo as normas da poética clássica. Se o fato histórico não estava suficientemente esclarecido o poeta introduzia o irreal mítico, como por exemplo no episódio do Adamastor, onde a realidade (o Cabo das Tormentas), carecida ainda de uma explicação racional, é ficcionalmente descrita como um incidente divino pagão. A intervenção mitológica, no entanto, não abala a realidade histórica, havendo uma quase perfeita interação nos dois planos de ação.

Os Lusíadas, mais que um poema, um polipoema, se divide estruturalmente em 10 cantos; 1102 estrofes oitava rima, cuja disposição rimática é ababacc; 8816 versos decassílabos heróicos, sendo alguns sáficos. É composto de três partes a saber:

1) Introdução: Canto I, estrofes 1-18

Proposição – est. 1-3: o assunto do poema;

Invocação – est. 4-5: às musas do Tejo, as Tágides;

Oferecimento – est. 6-18: ao rei de Portugal, D. Sebastião.

2) Narração: Canto I, est. 19 a Canto X, est. 144

3) Epílogo: Canto X, est. 145-156.

Os dez cantos são assim distribuídos quanto ao número de estrofes:

I – 106; II – 113; III – 143; IV – 104; V – 100;
VI – 99; VII – 87; VIII – 99; IX – 95; X – 156.

No enredo de *Os Lusíadas* assumem maior realce alguns episódios, extraídos de fatos históricos, tradições populares, ou de inspiração mítica. Embora parte integrante da totalidade épica, esses episódios mantêm certa autonomia e notabilizaram-se pelo tratamento poético. São eles:

Batalha do Salado, Canto III, est. 107-117;
Inês de Castro, Canto III, est. 118-135;
Batalha de Aljubarrota, Canto IV, est. 28-44;
Velho do Restelo, Canto IV, est. 94-104;
Aventura de Veloso, Canto V, est. 30-36;
Adamastor, Canto V, est. 37-60;
Doze de Inglaterra, Canto VI, est. 43-69;
Ilha dos Amores, Canto IX, est. 51 a Canto X, est. 142;
São Tômé, Canto X, est. 108-119.

Para uma visão de conjunto será sintética e esquematicamente esboçado um roteiro histórico e mítico de *Os Lusíadas* na parte compreendida pela narração – que se inicia com o verso “Já no largo Oceano navegavam” (Canto I, est. 19) e termina com “E com títulos novos se ilustrou” (Canto X, est. 144) – obedecendo à progressão por canto e estrofe:

- I – 19 Início da viagem, enquanto os
20 Deuses se reúnem no Olimpo para decidir,
até que
41 Júpiter resolve por fim proteger os portugueses,
43 que se aproximam já de Moçambique.
69 No entanto, Baco prepara um ataque contra.
84 os navegadores, que por fim se vêm a salvo.
100 Vênus protege a armada que segue até
104 Mombaça, local em que
- II 3 novos perigos ameaçam os portugueses, por
influência
10 de Baco, disfarçado em sacerdote cristão,
16 uma vez mais intervindo Vênus a favor dos
portugueses.
74 Chegando a Melinde, o Gama é bem recebido,
indo
92 o próprio rei ao encontro dos portugueses,
quando
109 solicita ao Gama que lhe conte a história de
seu povo.



— Eu sou aquele oculto e grande Cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompónio, Estrabo,
Plínio, e quantos passaram, fui notório.

OS LUSÍADAS

Aqui toda a africana costa acabo
Neste meu nunca visto promontório,
Que para o Pólo Antártico se estende,
A quem vossa ousadia tanto ofende.

Canto V — 50

- III – 1 Depois da invocação a Calíope,
6 o Gama começa por descrever a Europa,
20 para depois narrar a história de Portugal,
22 iniciando com Viriato, e a seguir
30 D. Afonso Henriques,
85 D. Sancho I,
90 D. Afonso II,
91 D. Sancho II,
94 D. Afonso III,
96 D. Dinis,
136 D. Pedro I,
138 até ao reinado de D. Fernando.
- IV – 3 Prosseguindo, refere-se aos reinados de
14 D. João I,
51 D. Duarte,
54 D. Afonso V,
60 D. João II, para terminar em
67 D. Manuel, rei que
77 incumbe o Gama da viagem, não obstante
alguns
95 postestos, como o do velho do Restelo.
- V – 1 Partindo de Lisboa, a armada
14 segue viagem, aparecendo o Cruzeiro do Sul,
18 o fogo de Santelmo e a tromba marítima.
30 Após a aventura de Veloso, surge a ameaça
37 dos mares, simbolizada pelo Adamastor.
73 Vencido o perigo, a viagem continua até
Sofala,
78 prosseguindo sempre, agora pelo rio dos
Bons Sinais,
81 quando a tripulação é atacada de escorbuto.
85 Em Melinde, o Gama exalta sua gente.
- VI – 1 Partindo entre festas, a esquadra ruma para
5 a Índia, enquanto Baco se dirige ao
8 palácio de Netuno para tramar contra o
Gama.
38 Desconhecendo os perigos que virão, os na-
vegadores
43 ouvem histórias como a dos Doze de Ingla-
terra,
70 até que forte tempestade os surpreende e
85 novamente Vênus favorece os portugueses,
92 que seguem viagem até Calecut.
- VII – 16 Lá chegando, é feita ampla
17 descrição da Índia e depois

- 23 de algumas sondagens verifica-se o
 42 desembarque do Gama, que é recebido
 44 pelo Catual (espécie de governador) e
 57 visita o Samorim (o rei).
 73 A bordo, o Catual interessa-se em saber
 75 o significado das bandeiras da esquadra e
- VIII – 1 Paulo Gama explica sua simbologia.
 44 Satisfeito, o Catual volta a terra.
 47 Baco consegue incitar os ânimos contra os
 portugueses;
 79 O Catual tenta ludibriar o Gama, que acaba
 preso.
 91 Por fim obtém a liberdade e
 95 volta a bordo, ainda que mais
- IX – 1 alguns obstáculos tenham de ser ultrapas-
 sados
 13 para que seja efetivada a viagem de volta.
 18 Vênus, amiga dos portugueses, quer pre-
 miá-los;
 51 assim, prepara uma agradável pousada
 66 na Ilha dos Amores, onde desembarcam os
 83 navegadores e são festivamente acolhidos.
- X – 2 As Ninfas aprontam majestoso banquete,
 5 enquanto são profetizados os futuros
 91 feitos dos portugueses e sua expansão.
 132 Depois das despedidas entre Ninfas e nave-
 gantes,
 144 estes acabam por chegar a Portugal.

Concluindo, deve ficar esclarecido que estas breves notas são apenas o delineamento despretençioso de *Os Lusíadas*, visando a iniciar o eventual leitor na problemática geral da obra. A bibliografia camoniana é numerosíssima e nem mesmo assim foram abordados todos os aspectos e temas que o poema encerra. (*)

(*) *Recomendamos a consulta do cuidadoso levantamento bibliográfico realizado por Artur Forte de Faria de Almeida: Catálogo da Exposição Camoniana do Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro Comemorativa do Quarto Centenário da Edição de "Os Lusíadas" Seguido de Notas Bio-Bibliográficas sobre a Cultura Portuguesa do Século XVI. Rio de Janeiro, 1972 207 pp. (nota do editor)*